

OBRIGADOS A NASCER: CONVICÇÕES E PRÁXIS JORNALÍSTICA EM NOTÍCIAS SOBRE ABORTO

Data de aceite: 02/05/2023

Clóvis César Pedrini Júnior

Clóvis César Pedrini Jr. é publicitário, jornalista, professor universitário e mestre em comunicação pelas Universidade de Cádiz e Málaga na Espanha e UFMG

RESUMO: Para este artigo realizou-se uma análise da presença e ausência das fontes humanas utilizadas em matérias que abordam a temática do aborto. Para isso elegeram-se a Gazeta do Povo como unidade de análise. Na primeira etapa é feita uma coleta de dados, neste caso todas as notícias sobre aborto. Elas são categorizadas entre aquelas que apresentam fontes e as que não apresentam fontes. Depois, são conduzidas análises para se verificar qual a tendência opinativa das fontes utilizadas, se são favoráveis, neutras ou contrárias ao aborto. Foi empregada a teoria do enquadramento, ou *framing*. A franja temporal de seis meses para a coleta está compreendida entre novembro de 2018 a abril de 2019. Ao final, se propõe uma discussão ética acerca da predileção no uso das fontes e como elas podem condicionar a uma determinada visão sobre o tema, requerida pela linha editorial do veículo.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes jornalísticas; Aborto; Gazeta do Povo; Ética Jornalística; Linha Editorial

*E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

(João Cabral de Melo Neto, 1954,
p. 13)

NASCE UM QUESTIONAMENTO

Este trabalho projeta um olhar sobre as reportagens que abordam a temática do aborto. Serão analisados recursos jornalísticos e discursivos utilizados na construção das notícias. O objetivo é avaliar a tendência que elas seguem e o lado que adotam na discussão do tema. Para isso, elegeram-se como unidade de

análise o jornal paranaense Gazeta do Povo em sua versão digital¹.

A metodologia está dividida em três etapas. Na primeira foram coletadas todas as notícias do veículo que tratam do tema, compreendidas em uma franja temporal de seis meses, de 1º novembro de 2018 a 30 de abril de 2019. Depois foi feita uma categorização do material. Elas foram divididas entre matérias que contêm fontes e as que não contêm fontes humanas. Por fim, se levou a cabo uma análise discursiva tendo como suporte as premissas da teoria do enquadramento ou *framing*, realçando para o escopo deste *paper* alguns elementos linguísticos que vieram a se destacar.

Desde já, salienta-se que essa seleção não ignora que mesmo as notícias sem fontes e aparentemente frias não possam trazer em si alguma parcialidade e as devidas escolhas editoriais. Também não negamos que os próprios editores são escolhidos para tais **funções** porque acabam incorporando, ao longo do tempo, visões de mundo e opiniões condizentes com as dos patrões.

Na prática, a couraça de caráter do editor é feita de contextos que contaminam cada decisão diária. São de início malícias editoriais, contextos de atuação, encaixes à lógica de produção noticiosa da empresa de mídia. Logo viram armadilhas recorrentes a afetar o julgamento da hora de dar relevância a um fato. Há quem se deixe levar por elas de forma premeditada, porque acredita ou adere sem remorsos ou ingenuidade (...). Mas há os que são engolidos involuntariamente. De início, talvez nem as tenham percebido, afogados demais na roda vida do fechamento e das demandas de uma Redação. Mas logo a couraça cobre seus poros de desgaste, maquiando a condição de reféns de *lobbies*, assessorias de imprensa e dos patrões. (PEREIRA JR., 2006, p. 29).

A hipótese que norteia o trabalho é a de que, ao final, consigamos desvendar, por meio de ferramentas científicas de análise pura, como as notícias podem ser manipuladas para tenderem aos interesses e visões elegidas pelo veículo. A análise, portanto, refere-se ao enquadramento – *framing* – que compreende o enfoque e as definições dadas a uma situação que foi construída de acordo com o princípio da organização e o envolvimento – subjetivo ou ideológico – dos agentes, sejam eles os repórteres, editores, donos e até mesmo preferências do público a quem o veículo se dirige.

Aqui adota-se a distinção de tipos principais de enquadramentos (PORTO, 2004). O **enquadramento noticioso** refere-se aos “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos”, seria o popular “ângulo da notícia”. Já no **enquadramento interpretativo** promove-se uma avaliação particular de temas “incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento”.

Enquadramento noticioso (...): o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros. (...) Uma característica importante dos enquadramentos noticiosos é o fato de que

¹ <https://www.gazetadopovo.com.br>

eles são resultado de escolhas feitas por jornalistas quanto ao formato das matérias, escolhas estas que têm como consequência a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida. (...)

Enquadramentos interpretativos (...): estas interpretações são promovidas por atores sociais diversos, incluindo representantes do governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais etc. Apesar do fato que jornalistas também contribuem com seus próprios enquadramentos interpretativos ao produzir notícias, este tipo de enquadramento tem origem geralmente em atores sociais e políticos externos à prática jornalista. (PORTO, 2004, p. 29)

Estes conceitos são fundamentais, pois há neles diferenças entre as fontes. Enquanto o enquadramento noticioso é criado pelo jornalista, os enquadramentos interpretativos são elaborados por atores sociais e políticos (PORTO, p. 87).

Segundo Pereira Jr. (2006, p. 30) os jornalistas “tomam partido, pois se colocam na posição de quem é favorável à norma e a valores dominantes” e com isso se perpetra o conservadorismo. A “subjetividade” do jornalista estaria “inserida num campo profissional, numa cultura de uma comunidade jornalística e de uma organização empresarial. Há pouca margem a excentricidades” (p. 40).

Como o tema do aborto evidencia opiniões antagônicas, se analisou a presença/ ausência do debate e do contraponto com a pluralidade de vozes ou o emudecimento de opiniões dissonantes em detrimento das dominantes.

Nas reportagens há respeito sobre o direito às liberdades individuais sobre o próprio corpo? Pauta-se por preceitos religiosos e de crenças? O tom é condenatório às praticantes de aborto? Há discussão e apresentação de possibilidades para que o leitor construa sua própria opinião ou apenas apresentação de uma tese?

Tratar do aborto no Brasil é referir-se à própria consolidação democrática. É um tema que abarca visões opostas, emocionais e, na maioria das vezes, extremadas. Quase não há debates, o lado dos que defendem pouco ouve o outro lado e vice-versa. O aborto envolve questões morais, relacionadas às escolhas individuais, à legislação, quanto às proibições nos casos em que são previstos em lei e questões éticas, quando o assunto é abordado por jornalistas.

Das discussões do aborto como problema de saúde pública até a criminalização da prática, a polêmica sobre o aborto, a descriminalização ou a restrição total dos casos, está distante de um debate que assumisse o direito ao aborto como uma questão de liberdade individual. (...) o debate se divide sob três argumentos principais, e cada um desses argumentos, por sua vez, se liga ao discurso veiculado por instituições diversas: a defesa da vida, à Igreja Católica; o aborto como tema da agenda pública, ao poder público; o aborto como direito da mulher, aos movimentos feministas. (...) fica claro que uma análise sobre o debate sobre o aborto no Brasil passa não somente pela dinâmica das discussões no poder público, no movimento feminista ou na religião organizada, mas pela forma como esses três agentes se relacionam em um outro espaço de visibilidade e interação que é o campo mediático.

O ULTRASOM

Durante seis meses, de novembro de 2018 a abril de 2019, coletou-se todas as notícias relacionadas à temática do aborto publicadas no site no jornal paranaense Gazeta do Povo. A unidade de análise foi escolhida baseada no número de acessos únicos. A Gazeta do Povo é o veículo jornalístico mais lido no Paraná e o quinto em número de acesso no Brasil. “O jornal paranaense atinge mais de 208 milhões de usuários, segundo números internos” (MEIO & MENSAGEM, 2019).

Além do termo “aborto”, também se buscou pelo termo “pró-vida”, que resultou em resultados que não apareceram apenas com a busca “aborto”. Os resultados quantitativos obtidos são apresentados a seguir.

Foram encontradas 35 ocorrências, divididas pelas seguintes editorias: Vida, 16 ocorrências; Justiça, 8; Mundo, 2; Política, 3; Editoriais, 2; Educação, 1 e Blogs de colunistas com 3 ocorrências.



Gráfico 1: As matérias sobre aborto divididas por editorias.

Fonte: elaboração própria (2019).

Além de manter uma agenda constante de produção de notícias sobre o tema, o veículo também reproduz matérias de outros veículos. Assim, do total das matérias, verificou-se que 17 delas são oriundas de produção da própria Gazeta do Povo e 18 são fruto de reprodução de outros veículos, sendo 14 traduzidas do inglês. Essas últimas estão assim divididas: *Daily Signal*, 9 matérias; *National Review*, 3; FolhaPress e Estadão Conteúdo com duas notícias cada e *The Public Discourse* e *The Washington Post* com uma notícia cada.



Gráfico 2: Produção noticiosa sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019).

Em relação aos critérios de categorização, nos baseamos no artigo “A polêmica do aborto na imprensa” (MELO, 1997) que classificou as matérias publicadas entre 1996 e 1997 na Folha de São Paulo, no Jornal do Brasil, no Estado de São Paulo e no O Globo como “favoráveis, contrárias ou neutras em relação ao direito ao aborto”. Aqui aplicamos o critério diretamente nas fontes humanas utilizadas nas matérias.

Para se considerar a fonte ‘neutra’ avaliou-se seu enquadramento dentro da reportagem, quando tais fontes não influenciam para o convencimento. Assim, neutra, não se refere se a fonte é a favor ou não à descriminalização do aborto, pois não é possível aferir tal informação no contexto colocado da notícia, mas, sim são neutras quando não influenciam o direcionamento ideológico que, porventura, pode se pretender com o discurso construído. Quando o texto é puramente opinativo, o autor foi considerado como fonte. Apenas uma das matérias coletadas não contava com nenhuma fonte humana.

#	Data	Matérias	Fontes		
			Contra	Neutra	Favor
01	07/11/2018	<i>Grupos pró-vida ampliam força após eleição nos Estados Unidos</i>	1	0	0
02	16/11/2018	<i>Aborto: Barroso está certo, mas profundamente errado</i>	1	0	1
03	14/12/2018	<i>Parlamento na Irlanda aprova legalização do aborto</i>	0	0	0
04	18/12/2018	<i>Professor mostra crueldade do aborto em sala de aula e é denunciado</i>	3	2	3
05	27/12/2018	<i>YouTube muda resultados de pesquisa sobre aborto após pedido de feminista</i>	1	1	1
06	28/12/2018	<i>Homofobia, aborto, drogas: pauta coloca STF em rota de colisão com o governo em 2019</i>	3	0	1
07	31/12/2018	<i>O aborto na Irlanda e o ataque às consciências</i>	0	0	1
08	01/01/2019	<i>3 mitos sobre o aborto propagados por um editorial do New York Times</i>	1	0	0
09	15/01/2019	<i>Com nova presidente, a Planned Parenthood finalmente admite que seu foco é o aborto</i>	3	0	2
10	23/01/2019	<i>Maioria dos norte-americanos apoia restrições ao aborto, diz pesquisa</i>	3	0	0
11	25/01/2019	<i>Relatório anual da Planned Parenthood confirma foco em aborto e diminuição de outros serviços</i>	1	0	1
12	25/01/2019	<i>Bolsonaro: "Se Congresso aprovar projeto sobre aborto, eu veto"</i>	1	0	0
13	31/01/2019	<i>Ashton Kutcher posta vídeo impactante sobre aborto e Síndrome de Down que viralizou nas redes sociais</i>	2	0	0
14	01/02/2019	<i>O Supremo volta ao trabalho</i>	0	0	0
15	04/02/2019	<i>Economia, segurança e corrupção, depois os costumes: como será a agenda Bolsonaro no Congresso</i>	2	0	0
16	06/02/2019	<i>Qual é a diferença entre aborto e infanticídio?</i>	7	2	0
17	08/02/2019	<i>A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura</i>	1	0	3 ²
18	08/02/2019	<i>Formação atual da Suprema Corte perde oportunidade de tomar sua primeira grande decisão pró-vida</i>	3	1	1
19	11/02/2019	<i>Mourão é um incômodo para Bolsonaro?</i>	0	1	0
20	12/02/2019	<i>Senado desengaveta PEC que proíbe aborto em qualquer situação</i>	2	0	0
21	13/02/2019	<i>A Constituição rejeita a ideia de supremacia judicial. Assim deveriam pensar todos os americanos</i>	1	0	0
22	13/02/2019	<i>Jovem com Síndrome de Down quer tornar o aborto algo "impensável"</i>	1	0	0
23	19/02/2019	<i>No futuro veremos o aborto como hoje vemos a escravidão</i>	1	0	0

² Todos são rebatidos com passagens bíblicas.

24	21/02/2019	Por que os esquerdistas não conseguem falar honestamente sobre aborto	1 ³	1	2 ⁴
25	27/02/2019	Deputados querem convencer STF a não liberar aborto em caso de zika	4	0	0
26	27/02/2019	PEC da Vida tenta evitar novas exceções à punição do aborto	3	1	2
27	10/03/2019	O que é o aborto tardio em discussão nos EUA e que Trump quer combater	3	1	1
28	18/03/2019	Projeto que endurece pena de quem provoca aborto tem parecer favorável no Senado	2	1	0
29	26/03/2019	Argentina debate novo Código Penal que endurece penas e descriminaliza o aborto	0	1	0
30	27/03/2019	Brasil inaugura política contra aborto e ideologia de gênero na ONU	6	0	0
31	27/03/2019	EUA cortam recursos da OEA por causa de defesa do aborto	2	0	1
32	29/03/2019	Novo filme pró-vida é classificado como impróprio para menores	3	0	0
33	06/04/2019	Ministro do STF defende nos EUA descriminalização do aborto e das drogas no Brasil	0	0	1
34	24/04/2019	O que está errado com a afirmação “Proibir o aborto não funciona”	1 ⁵	0	0
35	26/04/2019	Aborto seletivo impediu o nascimento de 23,1 milhões de mulheres, diz estudo	0	0	0 ⁶
Total			63	12	21

Tabela 1: Seis meses de matérias sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019)

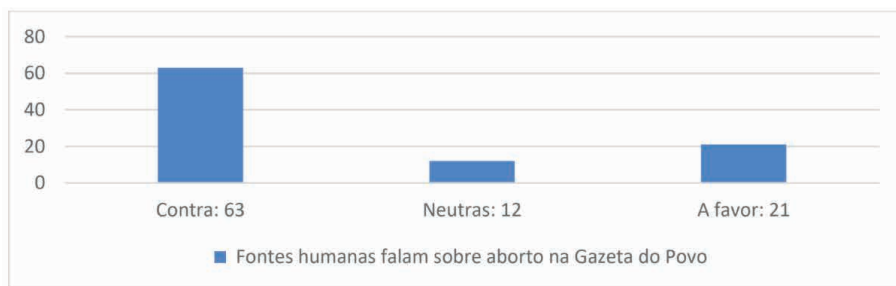


Gráfico 3: Fontes humanas falam sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: elaboração própria (2019).

HORA DE AMAMENTAR A DISCUSSÃO

É notório o posicionamento editorial da Gazeta em relação ao tema. Nas reportagens aqui coletadas são inseridos hipertextos que direcionam para as “Convicções da Gazeta”,

3 Considera-se o autor pois se trata de texto opinativo.

4 Citados para serem rebatidos pelo autor.

5 Considera-se a própria autora como contrária ao aborto.

6 Apresenta apenas fontes de dados

sendo uma delas a “Defesa da vida desde a concepção”⁷ que entende que “o nascituro é o mais indefeso e inocente dos seres humanos, e por isso necessita de uma proteção ainda mais enfática, pois é incapaz de, por si só, fazer valer os seus direitos” (GAZETA DO POVO, 2017).

Com as convicções da Gazeta, se presume que foi adotada pelo veículo também a ética da convicção que “atribui aos valores uma ‘vigência forte’, um ‘caráter absoluto’”, contra ela não se discute, ela não admite contra-argumentos, pois é uma “ética baseada na prestação de contas das ações tomadas e de suas consequências” (COSTA, 2019, p. 108). É como se a Gazeta bancasse sua posição assumindo o risco de arcar com as consequências; como o de renunciar a preceitos básicos do jornalismo, por exemplo.

Em 27 das 35 matérias o termo ‘aborto’ aparece logo no título e o termo ‘pró-vida’ em três, o que denota a relevância dada pelo veículo ao tema. Todas as notícias coletadas em uma franja temporal de meio ano são abertamente contrárias a qualquer prática do aborto, algumas vezes tratado como infanticídio e até homicídio.

O que chama a atenção é que a utilização de fontes contrárias ao aborto é três vezes maior do que as fontes favoráveis à descriminalização e legalização em alguns casos. Não desconsideremos a assimetria no uso das fontes por parte dos jornalistas. Estes se movimentam em uma tensão de interesses formada pela própria fonte e seus filtros, o próprio jornalista e sua subjetividade, os interesses da empresa de comunicação para a qual trabalha e o público leitor/assinante que é quem, ao final, determina o resultado do jogo (COSTA, 2009, p. 225).

Como contraponto, resgatamos um estudo realizado com o veículo *Brasil de Fato* que revela resultado similar ao encontrado aqui, porém, que privilegia o discurso pró-aborto. Em sete reportagens foram ouvidas sete fontes pró-aborto e quatro pró-vida, estas sempre colocadas antes das argumentações pró-aborto o que enfraquecia a arguição antiabortiva (VENÂNCIO, 2009, p. 96). Assim, na questão dos enquadramentos adotados ambos os lados se assemelham, pois utilizam das mesmas ferramentas discursivas de manipulação jornalística.

Nas matérias da Gazeta do Povo, quando fontes favoráveis à descriminalização eram citadas – em todos os casos, sem exceção – isso ocorria apenas para que os argumentos fossem desconstruídos. Nem que para isso tenha que se colocar em xeque todo o histórico de um país, como aconteceu em matéria sobre a Irlanda.

Para o periódico paranaense, “com a vitória dos favoráveis ao aborto, a Irlanda deixou de ser um dos países onde a proteção à vida era mais garantida”. Como foi o processo, pouco se sabe, talvez a aprovação por plebiscito onde mais de 64% da população votou e posteriormente houve aprovação pelo Parlamento, tenha acontecido em um rompante esquerdista induzida pelo primeiro-ministro Leo Varadkar que é médico, como leva a crer

⁷ <https://www.gazetadopovo.com.br/opinia/nossas-convicoes/defesa-da-vida-desde-a-concepcao-57e36uznhnpbm-p9pmyqxjjmc/>

o editorial “O aborto na Irlanda e o ataque às consciências” (GAZETA DO POVO, 2018). Com isso, agora apenas em El Salvador e na Nicarágua o aborto é ilegal sob quaisquer circunstâncias.

Mas, agora os Estados Unidos também estão em franco retrocesso no tema, assim como o maior jornal do mundo que advoga em prol de uma “alegação da esquerda”. Apesar de reconhecer que a série de reportagens do jornal estadunidense “faz uma investigação profunda”, elas são apenas “uma compilação malfeita de mitos abortistas, imprecisões históricas e omissões filosóficas, amontoadas para coagir o movimento pró-vida, pelo qual o *Times* nutre uma indistigável animosidade”.

O referido editorial do *The New York Times* é integralmente refutado em “3 mitos sobre o aborto propagados por um editorial do New York Times” (DESANCTIS, 2019) traduzido do artigo em inglês publicado originalmente na *National Review*.

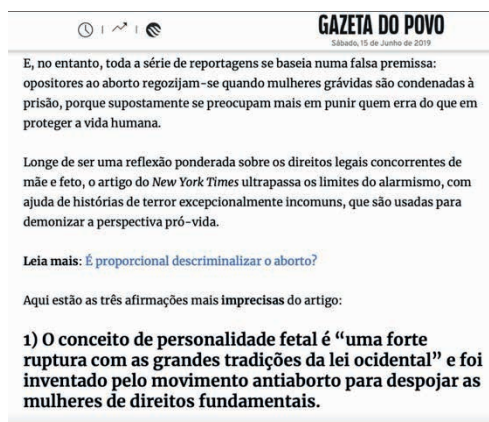


Figura 2: Trecho de artigo traduzido pela Gazeta para refutar editorial do NYTimes.

Fonte: Gazeta do Povo (2018)

Aqui, a Gazeta opta por reproduzir um artigo que concebe uma nova versão com explicações opiniáticas nebulosas a render-se à evidência dos fatos apresentada pelo *The New York Times*. Isso é constatado logo no início quando o artigo acusa o editorial de “omissões filosóficas”. É como se o jornal alocado em Curitiba “agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo de errado com o fato” (ABRAMO, 2016, p. 44). As traduções, inclusive, podem trazer embutidos enquadramentos pretendidos pelo veículo e induzir ao erro. O artigo opinativo “*Why Liberals Can’t Talk Honestly About Abortion*”, também da *National Review*, foi traduzido “Por que os esquerdistas não conseguem falar honestamente sobre aborto”.

Esse fato, especificamente, nos remete a Perseu Abramo (2016, p. 37) que aponta que “uma das principais características do jornalismo no Brasil, praticado pela maioria da

grande imprensa, é a manipulação da informação”, cenário em que “o leitor é induzido a ver o mundo como ele não é, mas sim como querem que ele o veja” (p. 49).

O enquadramento dado pela Gazeta na escolha dos artigos a seres traduzidos privilegia veículos assumidamente conservadores como o *National Review*⁸ e o *Daily Signal*⁹. Se replica artigos opinativos que tratam da realidade estadunidense como se ela fosse plenamente aplicável e comparável a realidade brasileira. Não se considera as diferenças sociais, econômicas e as vicissitudes das conjunturas políticas e religiosas de ambos os países, basta por ser antiaborto. Há uma clara “indução da outra realidade, diferente e até oposta à realidade real” (ABRAMO, 2016, p. 49).

O teor opinativo está presente em todas as matérias sobre aborto produzidas ou reproduzidas pela Gazeta do Povo durante os seis meses da pesquisa. O veículo escolhe por substituir a informação pela opinião:

Vejam bem que não se trata de dizer que, além da *informação*, o órgão de imprensa apresenta também a *opinião*, o que seria justo, louvável e desejável. Mas que o órgão de imprensa apresenta a opinião *no lugar* da informação, e com a agravante de *fazer passar a opinião pela informação*. O *juízo de valor* é inescrupulosamente utilizado como se fosse um *juízo de realidade*, quando não como se fosse a própria mera exposição narrativa/descritiva da realidade. O leitor/espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha. (ABRAMO, 2016, p. 46)

Informação e opinião se confundem, quando não, a segunda substitui a primeira, não havendo possibilidade de confrontação de argumentos para a criação de mensuração de quem lê.

Observou-se que um dos grandes embates na discussão sobre o aborto se dá na dicotomia de considerar o feto como pessoa dotada de plenos direitos civis.

A pessoalização do aborto, i. e., a estratégia de emprestar a condição de pessoa ao feto e de discuti-lo em termos de experiência individual, real ou projetada, se contrapõe frequentemente a uma outra estratégia que consiste tomar o aborto de forma objetiva e coletiva, nos termos de um problema de saúde pública. (RAMOS, 2012)

Nenhuma das reportagens consta em editoriais ligadas à ‘saúde ou ‘saúde pública’, o que reitera a tomada de posição do veículo, que constantemente insere argumentações emocionais e por vezes lamuriosas, como:

As mulheres tomam a decisão de abortar, mais ninguém. Os homens perderam o direito de ter voz no assunto há muito tempo. Os já famosos clichês sobre ‘a escolha é da mulher’ e ‘meu corpo, minhas regras’ são repetidos como se isso resolvesse tudo. (THOMAS, 2019)¹⁰

Mas aqueles que desejam sacrificar os não nascidos já demonstraram que,

8 Frequently asked questions. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/frequently-asked-questions/>

9 About The Daily Signal. Disponível em: <https://www.dailysignal.com/daily-signal/>

10 Em ‘A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura’. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/a-chacina-de-criancas-mostra-a-podridao-moral-da-nossa-cultura-bzc253n0fu1a5x1mssj604mjm/>

para conseguir seu objetivo, não hesitarão também em sacrificar a consciência daqueles que já nasceram. (GAZETA DO POVO, 2018)¹¹

Quem é favor do aborto, em geral, se resiste a mostrar como os embriões são mortos e também evita que as mães façam o ultrassom e vejam o filho antes de morrer. Também se fala pouco sobre as consequências físicas e psicológicas para as mulheres que fazem aborto. (GAZETA DO POVO, 2018)¹²

Se uma feminista consegue alterar o resultado de busca do YouTube com uma mensagem de reclamação, podemos apenas imaginar o quanto tudo não está impregnado com o viés ideológico esquerdista. E ainda tem gente que nega o evidente viés contra o conservadorismo nas redes sociais. Que piada! (CONSTANTINO, 2018)¹³

Um dia os americanos olharão para trás e considerarão inimaginável que em um período da história tenha sido lícito que uma mulher se tornasse juiz e júri da vida em si mesma e destruísse o milagre da vida dentro dela (...) a vida humana não é um produto de definições políticas, e sim uma verdade divina que devemos reverenciar e venerar, como fazemos diante do Deus que a criou. (PARKER, 2019)¹⁴

Esses fragmentos, foram utilizados propositalmente para evidenciar outra característica observada nas matérias coletadas, a ampla utilização de frasisms, e como ela pode ser utilizada por qualquer um dos lados do debate na construção de uma notícia. Os trechos de frases de quem defende a descriminalização do aborto são prontamente rebatidos na sequência. Segundo Abramo (2016, p. 45) essa técnica de manipulação é tão excessiva que se parece “ao máximo com a mais pura forma de realidade (...) o frasismo surge, assim, quase como a manipulação levada aos seus limites”.

11 Em 'O aborto na Irlanda e o ataque às consciências'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/oaborto-na-irlanda-e-o-ataque-as-consciencias-5blebfjhx984c9q8zq7tzjx3m/>

12 Em 'Professor mostra crueldade do aborto em sala de aula e é denunciado'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professor-mostra-crueldade-do-aborto-em-sala-de-aula-e-e-denunciado-cysbdbscogwlbmklmmkx9t3i/>

13 Em 'YouTube muda resultados de pesquisa sobre aborto após pedido feminista'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/youtube-muda-resultados-de-pesquisa-sobre-aborto-apos-pedido-de-feminista/>

14 Em 'No futuro veremos o aborto como hoje vemos a escravidão'. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/no-futuro-veremos-o-aborto-como-hoje-vemos-a-escravidao-afq46n4jhw8bbxsthdytfrvt/>

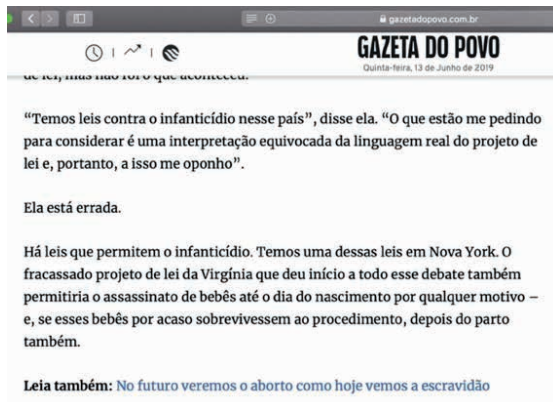


Figura 2: Utilização do frasismo nas matérias sobre aborto na Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo (2018)

Cukierkorn e Batista (2016) afirmam que no Brasil o debate sobre a descriminalização do aborto encontra-se no impasse de dois grandes posicionamentos:

o primeiro, a favor da legalização, declara que o abortamento clandestino é a segunda maior causa de mortalidade de mulheres no Brasil e, portanto, uma questão de saúde pública. Já o ponto de vista divergente, defendido por instituições religiosas, acredita na penalização do ato e se baseia na religião e nas leis vigentes do Código Penal brasileiro.

Segundo Jair de Souza Ramos (2012) a arguição baseada na religião “intensifica o componente emocional e da ordem dos valores” em um debate. Aqui, confirma-se que “nas notícias sobre aborto, as vozes religiosas são as mais legitimadas, sejam elas da Igreja Católica ou de lideranças das igrejas evangélicas”, baseadas no medo do castigo divino. (ANDRADE FONTES, 2012).

No artigo traduzido do *Daily Signal* “A chacina de crianças mostra a podridão moral da nossa cultura” isso fica evidente com a principal arguição que vem da Bíblia:

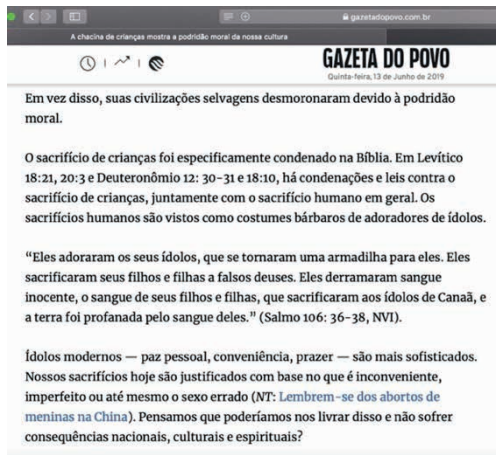


Figura 2: Trecho de artigo sobre aborto republicado na Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo (2019)

Que os veículos adotam – e são livres para tal – posicionamentos é fato consumado. A discussão acadêmica que se propõe é sobre a ética jornalista. Neste caso se supre uma das vozes para se adotar uma conduta discursiva unilateral e tida como inequívoca e se confirma que “alguns personagens jamais aparecem em muitos órgãos de comunicação, enquanto outros comparecem abusivamente, à saciedade, com uma irritante e enjoativa frequência” (ABRAMO, 2016, p. 50).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros prevê em seu Artigo 10 que “o jornalista não pode frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate”. O que se identificou foi o que Abramo (2016, p. 44) chamou de inversão da versão pelo fato, quando “não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém – da fonte das declarações e opiniões”, com os quais o veículo quer privilegiar em detrimento de outra visão de mundo.

Andrea Azevedo Pinho (2009) afirma que “o debate sobre o aborto no Brasil passa não somente pela dinâmica das discussões no poder público, no movimento feminista ou na religião organizada”, mas pela maneira como esses três agentes se relacionam em nos espaços de visibilidade e interação. No caso da Gazeta do Povo, verificou-se que o segundo agente é excluído do debate e constantemente ridicularizado. Como acontece em três ocasiões contra a presidente do *Planned Parenthood*¹⁵ – um dos alvos do jornal – uma organização sem fins lucrativos que fornece cuidados de saúde reprodutiva nos Estados Unidos e em todo o mundo.

¹⁵ <https://www.plannedparenthood.org>



Figura 3: Honestidade foi um erro.

Fonte: Gazeta do Povo (2019)

Mantovani (2014, p. 209), conclui em seu doutoramento sobre a tematização do aborto nas eleições de 2010 que a mídia não é neutra e reforça posições socialmente dominantes das igrejas e valores masculinos na discussão do tema:

o uso da temática sobre o aborto (...) reforçou os limites e os constrangimentos para possíveis avanços na legislação brasileira e no debate público sobre o tema. A homogeneidade da ênfase moral na cobertura reforçou a ideia de que assuntos relativos à temática da mulher estão deslocados da política e do espaço público. (...) A tímida presença dos movimentos feministas e de mulheres em defesa da descriminalização do aborto no noticiário, em contraste com a grande presença de atores do campo religioso agindo como sujeitos definidores dos discursos e de posições dominantes contrárias ao aborto é exemplo de uma narrativa construídas pelo campo jornalístico legitimadora de constrangimentos estruturais de gênero. (...) reforçam valores de subordinação e dependência das mulheres e limitam a afirmação da sua individualidade e de relações horizontais entre homens e mulheres no mundo público ou privado. É saudável para a democracia brasileira que a diversidade de opiniões e visões de mundo esteja presente no debate público. (p. 220)

COMO VAI SE CHAMAR?

A Gazeta do Povo é antiabortiva. Que ela adote um posicionamento é legítimo. Assumi-lo abertamente também é louvável se considerarmos que muitos veículos o fazem sobre os mais diversos assuntos de maneira dissimulada, quando tentam emprestar um ar de neutralidade e objetividade à notícia, sendo que na verdade não oferecem a transparência necessária para que os leitores conheçam as visões preferidas ou preteridas do meio de comunicação.

Ao contrário, no jornal paranaense as escolhas editoriais já deixaram de se pautarem pela tal da neutralidade jornalística. E isso não se refere apenas à questão do

aborto. O faz também em prol de uma postura “judaica-cristã”¹⁶, pela família nuclear¹⁷, por casamentos como “complementaridade biológica e psíquica entre homem e mulher”, contra os comportamentos homossexuais¹⁸ e favorável ao liberalismo econômico¹⁹. Liberais só se tornam esquerdistas apenas quando lhes convêm, como vimos anteriormente. Mas nada disso chega a ser uma grande descoberta. Para além da agenda conservadora de costumes, a Gazeta do Povo depois de 100 anos decidiu apoiar abertamente um candidato político.

Mas agora, se o veículo está tão convicto sobre o aborto, e todos os argumentos contrários são menores e estão errados, por quê então simplesmente não dar voz ao contraponto, como a boa prática jornalística pede? Será que o veículo não acredita que seus leitores não sejam capazes se refutarem tais argumentos e de formarem suas próprias opiniões? E para defender suas convicções vale a pena abrir mão da boa prática jornalística, assim como fazem também veículos favoráveis à descriminalização? Ou o jornal, conhecendo bem seu público, apenas replica o que eles querem ouvir.

Segundo reportagem do Intercept Brasil²⁰ a guinada à direita da Gazeta se deu por dois motivos. Primeiro pelas “obsessões” de Guilherme Döring Cunha Pereira, presidente do Grupo GRPCOM que edita o jornal, e também por mero cunho mercadológico e comercial. Nas palavras do próprio Cunha Pereira o conservadorismo adotado pela Gazeta do Povo,

tem uma ressonância com parte importante da população brasileira, que não encontrava outros veículos com idêntico posicionamento. A gente percebeu que isso é uma riqueza também do ponto de vista estratégico, e montou toda uma estratégia em que o posicionamento [conservador] adquiriu status especial. Ele é um direcionador estratégico muito importante. (MARTINS, 2018).

Como lembra Venâncio (2009, p. 161), “o jornalismo comercial não é oposto do jornalismo partidário no espectro jornalístico” quando ambos assumem suas posições e obsessões. Vender-se como jornalismo quando já se está embrenhando pelos antros partidários, ideológicos e religiosos poder ser tema de outro estudo.

Sabendo disso, é questionável se a Gazeta do Povo não tenha se convertido em apenas mais um espaço que serve a externar as ideias e obsessões do patrão. Os jornalistas que nela trabalham estariam subordinados a produzirem apenas material que seguem as tais convicções? Pautar-se pelos anseios de agradar quem lê, e, assim dar voz a apenas um lado do tema não o converteria mais em veículo panfletário do que em veículo jornalístico? São reflexões essenciais, uma vez que

16 “A dignidade da pessoa humana”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/a-dignidade-da-pessoa-humana-0kzt1kd1yzf7c8zsi0b4xkbh0/>

17 “O Valor da família”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/ovalor-da-familia-3ige92zf771vu67cqxmwt250/>

18 “A importância do casamento”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/a-importancia-do-casamento-d5h1vw9zad4ciyvupnylqgk5w/>

19 “As empresas, sua finalidade e o bem comum”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/as-empresas-sua-finalidade-e-o-bem-comum-7aucmbppt0o1idpzjghmtu6s/>

20 Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>

Discutir ética na imprensa só faz sentido se significar pôr em questão os padrões de convivência entre as pessoas, individualmente, e de toda a sociedade no que se refere ao trato com a informação de interesse público e com a notícia. A isso precisam se subordinar não apenas os jornalistas, mas também os seus patrões e as corporações em que funcionam os veículos de comunicação. Essa discussão só tem um interessado: o cidadão. Ninguém mais. É para ele que a imprensa deve existir – e só para ele. Às vezes, parece que todos nos esquecemos disso. (BUCCI, 2008 p. 32-33)

Resta a quem atua assim, como se confirmou sendo o caso da Gazeta do Povo quando trata do aborto, a honestidade de explicitar a quem a lê. E disso a Gazeta do Povo não pode ser acusada, pois, inegavelmente, explicita sem pudores suas predileções, algo que deveria ser imitado por outros veículos, inclusive os que defendem a descriminalização do aborto. Distinguir o que é notícia e o que é juízo de valor é um princípio básico da boa prática jornalística, uma vez que:

o reino da *objetividade* é a informação, a notícia, a cobertura, a reportagem, a análise, assim como o reino da *tomada de posição* era a opinião, o comentário, o artigo, o editorial. É fundamental separar e distinguir informação de opinião, indicar as diferenças de conteúdo e forma dos gêneros jornalísticos, e apresentar toda a produção jornalística ao leitor/telespectador de forma a que ele perceba imediatamente o que é a exposição da realidade, e o que é ajuizamento de valor. (ABRAMO, 2016, p. 58)

Caio Túlio Costa (2009, p. 166) relembra a provocação do filósofo francês Jean-François Revel do porquê não se questiona a objetividade e a neutralidade “na política, nos sindicatos, na diplomacia, nos negócios, na cultura e na justiça” sendo elas tão questionadas no jornalismo? E a resposta que segue não poderia ser outra se não a de que o jornalismo não é “nem tribunal de justiça, nem diplomacia, sem sindicalismo, nem partido político”, e acrescentamos, nem religião, nem cabo eleitoral e nem detentora da verdade absoluta.

Que o jornal mantenha e defenda seus posicionamentos e convicções como verdades únicas e puras e se norteie com o lema ‘nenhuma ideia vale uma vida’, é válido. Mas que o faça, se possível, sem abrir mão da práxis jornalística, sob o risco de desaparecer. Isso para evitar que algum oportunista futuramente venha a falar ao se referir à Gazeta do Povo que ‘teria sido melhor que ela nem tivesse nascido’.

BATIZE-SE!

*Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é*

*esta que vê, Severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.*

(João Cabral de Melo Neto, 1954, p. 28)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. 2ª ed. São Paulo: FPA, 2016.

ANDRADE FONTES, Maria Lucineide. O enquadramento do aborto na mídia impressa brasileira nas eleições 2010: a exclusão da saúde pública do debate. In *Ciência e Saúde Pública*. Rio de Janeiro: ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva Área, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COSTA, Caio Túlio. Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GAZETA DO POVO. Nossas convicções: defesa da vida desde a concepção. Curitiba, 29 abr 2017. Disponível em : <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/defesa-da-vida-desde-a-concepcao-57e36uznhnpbmp9pmypxqjjmc/>. Acesso em 14 jun 2019.

MANTOVANI, Denise Maria. Quem agenda a mídia: um estudo de agenda-setting a partir da tematização do aborto nas eleições de 2010. 2014. 234 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política). Brasília: UnB, 2014.

MEIO E MENSAGEM. Com foco em digital, Gazeta do Povo completa 100 anos. 4 fev 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/04/com-foco-em-digital-gazeta-do-povo-completa-100-anos.html>. Acesso em: 15 jun 2019.

MELO, Jacira. A polêmica do aborto na imprensa. In *Revista Estudos Feministas* v. 5, n. 2. Florianópolis: UFSC, 1997.

MORO, Rafael Martins. Como a Gazeta do Povo, do Paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do Brasil de Bolsonaro. Intercept Brasil. 10 dez 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jun 2019.

NETO, João Cabral de Melo. Morte e Vida Severina. Ed. Especial Auto de Natal Pernambuco. Rio de Janeiro: Alfaguarra, 2016.

PEREIRA JR. Luiz Costa. Guia para edição jornalística. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PINHO, Andrea Azevedo. Os debates sobre o aborto na mídia brasileira: dos enquadramentos midiáticos a construção de uma democracia plural. e-cadernos ces, 2009.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política, In Comunicação e política: conceitos e abordagens / Antônio Albino Canelas Rubim (organizador). Salvador: Edufba, 2004.

RAMOS, Jair de Souza. Toma que o aborto é teu: a politização do aborto em jornais e na web durante a campanha presidencial de 2010. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 07, 2012.

VENÂNCIO, Rafael Duarte Oliveira. Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial. Rio de Janeiro: e-papers, 2009.